

RUA PEDRO ALEXANDRINO

Lei nº 1834 de 23-11-1957

Formada pela rua 6 da Vila João Jorge

Início na rua Ibitinga

Término na rua Gabriel Penteado

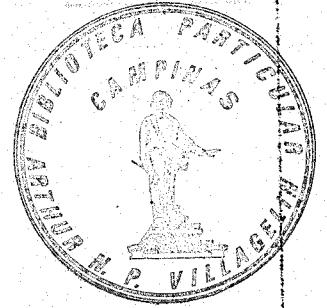
Vila João Jorge

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal

Ruy Hellmeister Novaes.

PEDRO ALEXANDRINO

Pedro Alexandrino Borges nasceu em São Paulo, a 26-11-1856 e faleceu em São Paulo em 1942. Era filho de Francisco Joaquim Borges e Rosa Francisca de Toledo Borges. Pedro Alexandrino começou a trabalhar como auxiliar de pintores decoradores, aos 11 anos de idade. Trabalhou depois por conta própria, copiando gravuras européias. Em 1883, torna-se discípulo de Almeida Jr. com quem estudou e trabalhou até 1887, quando ingressou na Academia Imperial de Belas Artes, como bolsista do governo de São Paulo, onde passou a recolher ensinamentos de José Maria Medeiros e Zeferino da Costa, obtendo uma medalha de ouro de 3a. classe. Devido a morte prematura de sua primeira esposa e pela falta de recursos financeiros, abandona a Academia e volta a trabalhar com Almeida Jr. Em 1895 era um pintor completo sendo dessa ocasião o quadro "Cozinha na Roça", hoje na Pinacoteca do Estado. Em 1897, vai à Paris, novamente com bolsa de estudos do Estado, onde permanece durante nove anos, estudando com F. Cormon, R. Chretien, e principalmente, com Antoine Vollon, de cujos ensinamentos adquiridos na natureza morta foram aprimorados e nunca iguados por pintores brasileiros. Participou de várias exposições coletivas na Europa, inclusive no Salão dos Artistas Franceses, de 1899 a 1907. Voltando ao Brasil, fez em São Paulo uma exposição apresentando 110 quadros, sendo 84 natureza-morta. Trabalhador infatigável, concorreu a exposições aqui e no estrangeiro e recebeu os maiores prêmios da época. Em 1936, foi agraciado com a Ordem da Coroa da Italia. Em Campinas existiu na avenida Francisco Glicério, a Escola de Pintura "Pedro Alexandrino", da artista conterrânea Maria Nogueira Pompêo, de quem foi amigo e muito ajudou.



LEI N.º 1834, DE 23 DE NOVEMBRO DE 1957

Dá o nome de "Pedro Alexandrino" à uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta, e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Pedro Alexandrino", a rua 6 da Vila "São Jorge", que tem início na Rua dr. Gabriel Penteado e término na rua 8.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

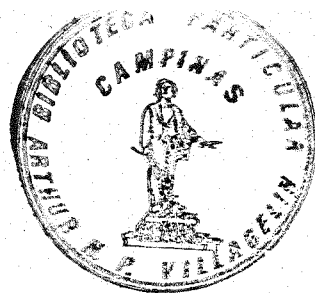
Paço Municipal de Campinas, aos 23 de novembro de 1957.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal

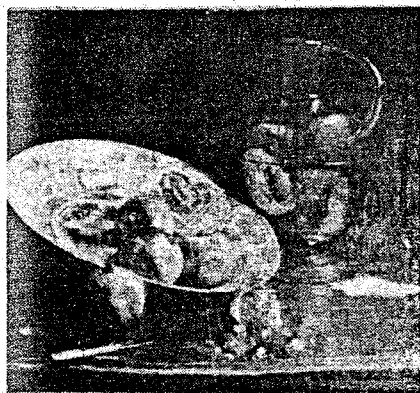
Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 23 de novembro de 1957.

O Diretor
Alvaro Ferreira da Costa



Domingo, 13 de agosto de 1978



"Metais e romãs", óleo sobre tela de Pedro Alexandrino.

Relembrando Pedro Alexandrino

RUTH SPRUNG TARASANTCHI

Pedro Alexandrino Borges foi um dos poucos pintores do século passado e começou deste genuinamente paulista. Excetuada sua estada no Rio, na Academia Imperial de Belas Artes, e depois em Paris, para aprimorar seus conhecimentos artísticos, não saiu de S. Paulo. Foi artista respeitado pela sociedade da época e pelos pintores também. Era chamado de Mestre e realmente o foi no Brasil, principalmente no gênero de natureza morta, embora tenha se dedicado em menor escala à paisagem.

Nascido na cidade de S. Paulo, em 1856, desde logo teve facilidade para a pintura. Começou com onze anos a trabalhar como auxiliar de pintores decoradores portugueses e franceses. Trabalhou depois por conta própria, copiando gravuras européias, como todos os decoradores da época faziam. Desta fase, resta ainda um palacete na Al. Glete, hoje transformado em Colégio, onde podemos ver a habilidade do jovem decorador.

Mais adulto, sentiu necessidade de criar, e o professor que procurou foi Almeida Jr. Este logo percebeu que tinha um aluno de talento invulgar, especialmente quando se tratava de naturezas mortas. Foi o próprio Almeida Jr. que o aconselhou a se especializar nesta temática. Nesta época foi contemplado com uma bolsa oficial para estudar pintura na Academia Imperial de Belas Artes do Rio, com os professores Zeferino da Costa e José Maria Medeiros. Em virtude da morte prematura da esposa e da falta de recursos financeiros, Pedro Alexandrino abandonou o curso e voltou a S. Paulo. Recomeçou sua pintura de naturezas mortas e paisagens, além de aprimorar sua técnica copiando originais do antigo professor Almeida Jr. Destas experiências resultaram excelentes cópias, que não foram distinguidas nem pelo professor tal a perícia a que chegou. Extremamente amigos, expuseram juntos no ateliê de Almeida Jr.; na ocasião Pedro Alexandrino apresentou paisagens e naturezas mortas.

Em 1895 era um pintor completo e podemos constatar seu talento no quadro Cozinha na roça, hoje na Pinacoteca do Estado.

Em 1897 desejoso de se especializar na Europa, Pedro Alexandrino seguiu junto com Almeida Jr. para a França com uma bolsa do Estado, obtida através da influência

de amigos e do próprio Almeida Jr. Uma vez em Paris, matriculou-se em academias tradicionais de pintura. Sempre almejou ser aluno de A. Vollon, considerado na época o maior pintor de naturezas mortas na França. Como seu ateliê era muito concorrido, Pedro Alexandrino não conseguiu estudar com o pintor que tanto admirava. Entretanto, certa ocasião, por motivos financeiros, terminada a bolsa que recebia do Governo do Estado, o pintor brasileiro colocou seu apartamento para alugar, preferindo um menos dispendioso. Por coincidência, Vollon passou por lá, interessado no apartamento, ficou impressionado com seus quadros e convidou-o para ser seu aluno. Tornaram-se amigos e foi dele que Pedro Alexandrino aprendeu certos detalhes, como os famosos pêssegos aveludados. Depois de um ano, com o falecimento de Vollon num desastre, Pedro Alexandrino começou a pintar com René Chrétien, do qual assimilou certas características de figura e fundo. Os ensinamentos adquiridos com esses dois mestres da natureza morta foram aprimorados e nunca iguallados por pintores brasileiros.

Voltou ao Brasil por ter sido convidado a fazer um trabalho para o Governo do Estado, mas, quando chegou, tudo resultou em nada. Para sobreviver, começou a ministrar aulas às senhoritas da sociedade de São Paulo. Levou um certo tempo para ser aceito pois a burguesia paulista costumava ir a Paris fazer suas compras, atualizar a moda e aproveitava para trazer os objetos de decoração de suas casas e quadros. Mas, quando já famoso, não havia família abastada em S. Paulo que não quisesse ter um Pedro Alexandrino na sua sala de almoço.

Tinha muitas encomendas, o que não significou que tivesse enriquecido, porque quando morreu, afora uma grande coleção de objetos de arte que usava como modelos e alguns quadros, pouca coisa deixou. Amigo de Freitas Valle, mecena dos artistas de São Paulo, e de todos os intelectuais, Pedro Alexandrino um homem pequeno, magro, de barbicha, vestido discretamente, modesto, fala acaiprada, era respeitado pela elite paulistana. Seu espírito caseiro, calmo fez com que pintasse no aconchego do lar, sem preocupação de inovações, mas com honestidade. Colocou em seus quadros mesas de cozinha rústica, objetos caseiros ou refinados usados pela aristocracia do café — painéis de cobre, caldeirões, pratos resplandecentes — que se refletem uns nos outros.

Ninguém melhor que ele representou a transparência dos vidros e as louças. Gostava de pintar maçãs, uvas, pêssegos, laranjas, aspargos e cebolas. Animais, poucas vezes e, quando o fazia, eram patos selvagens de pescocões verdes, lebres, gansos.

O pintor passava muito tempo dispendendo seus modelos. Sua preocupação era evitar detalhes e o espectador é vivamente impressionado pela estabilidade dos volumes e pelos espaços vazios, onde as massas são decididas. O ar circula entre os objetos. O colorido é agradável, a harmonia das cores seduz.

Pedro Alexandrino participou de Salões de Paris e, no Brasil, recebeu os maiores prêmios da época.

Seus alunos mais importantes foram: Tarsila do Amaral, Bonadei, Renée Lefevre, Anita Malfatti, Lútilia Fraga, Alice Gonçalves. No fim da vida talvez tenha sido um pouco esquecido pelo crescimento rápido da cidade que ele não conseguia acompanhar e do qual reclamava. Trabalhou sempre, incessantemente até os últimos dias de sua vida. Morreu com 86 anos, em 1942.

Ruth Sprung Tarasantchi é pós-graduada em Artes na USP, área de Comunicações, preparando tese de mestrado sobre Pedro Alexandrino, sob a orientação de Aracy Amaral.

Editor: FERNANDO C. LEMOS



Em exposição, paisagens de Pedro Alexandrino

A partir da próxima terça-feira, dia 10 de março, a Pinacoteca do Estado (av. Tiradentes, 141) estará apresentando ao público, a exposição "Paisagens de Pedro Alexandrino", composta de onze telas, que há muitos anos não eram exibidas. Grande mestre da natureza-morta em seu tempo, Pedro Alexandrino (1856-1942) dedicou quase toda sua obra a esse gênero. Suas paisagens são praticamente desconhecidas do grande público.

As onze telas que a Pinacoteca vai apresentar são trabalhos de pequeno porte. Exceto "Paisagem de Pirapora", as demais obras são estudos, muitas delas de feitura rápida, onde a pincelada solta, ágil, favorece o entendimento de seu processo sensível, dos seus sólidos conhecimentos no tratamento de tons e de sua precupação compositiva.

Segundo Fábio Magalhães, diretor técnico da Pinacoteca do Estado, "grande parte das paisagens européas de Pedro Alexandrino apresenta uma constante utilização de uma diagonal acima (árvores e telhados) ou abaixo (caminhos) da linha do horizonte, que reforça o espaço da cena, sugerindo profundidade. Prossegue Fábio Magalhães:

"Nos espaços sombrios sob as árvores, nas obras onde o artista se preocupa com pequenos detalhes de paisagem, nota-se o extraordinário traba-

lho com o pincel obtendo efeitos de reflexos de luz na água ou no jogo cromático de luz e sombra, onde as tonalidades de verdes e azuis ora se harmonizam, ora se contrastam na captação das sensações desejadas.

"A liberdade dos pincéis é abandonada na obra "Paisagem de Pirapora", talvez a obra melhor realizada desta pequena exposição, onde Pedro Alexandrino logra maior solidez. Nela o pincel não corre livre, entretanto, as massas de cor são definidas e aparecem numa composição de maior complexidade, trazendo elementos mais ricos e diversificados. As cores, a luz, a terra, a vegetação, o céu, nessa obra, são elementos típicos da paisagem brasileira, ou melhor, paulista. Tudo está captado com acuidade e profunda sensibilidade. A representação da casa da paisagem, o pequeno pomar, a terra batida em declive, o rio com a barca e o pescador, formam a linha central de leitura da obra. A palmeira, apesar de distante, está destacada pela sua verticalidade e é, sem dúvida, o eixo de composição do quadro, reforçada pela cor da terra que contrasta com o verde dos morros.

"Mais sólido na "Paisagem de Pirapora", mais livre nas paisagens européas, a verdade é que Pedro Alexandrino, nesta pequena exposição, dá

mostra de ser um bom paisagista", conclui Fábio Magalhães.

MESTRE ALEXANDRINO

Nascido em São Paulo em 1856, pintor e professor de renome, Pedro Alexandrino começou a trabalhar como auxiliar de pintores decoradores, aos 11 anos de idade. Em 1883, com 27 anos, conheceu Almeida Jr., com quem estudou e trabalhou até 1887, quando ingressou na Academia Imperial de Belas Artes como bolsista do governo paulista. Estudou com Zeferino da Costa e José Maria Medeiros. Devido à morte prematura de sua primeira esposa e pela falta de recursos financeiros o artista abandonou a Academia e voltou a trabalhar com Almeida Jr., de quem se tornara grande amigo.

Em 1896, novamente com bolsa de estudos do Estado, obtida graças à influência de seu mestre e amigo Almeida Jr., vai a Paris, onde permanece durante nove anos estudando com Carmon, Chrétien e mais tarde com Vollon, que era considerado na época o maior pintor de naturezas mortas da França. Participou de várias exposições coletivas na Europa, inclusive do Salão dos Artistas Franceses de 1899 a 1907.

De regresso ao Brasil apresentou 110 trabalhos, entre os quais 84 naturezas mortas. Recebeu inúmeros prêmios em Salões do Brasil e do exterior.

(Extraído do jornal "Folha da Tarde", de S. Paulo, do dia 03-março-1981).



RUA PEDRO ALEXANDRINO

ALEXANDRINO BORGES

Pedro Alexandrino Borges
(1864-1942) Pintor.

1856



Nascido em São Paulo, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, iniciando seus estudos de pintura na Academia Imperial de Belas Artes, pensionado pelo governo de São Paulo.

Ao regressar ao seu estado natal, estudou e colaborou com Almeida Júnior durante oito anos.

Em 1897, obteve novamente pensão do governo Paulista, viajando para Paris, onde permaneceu nove anos.

Regressando ao Brasil, apresentou em uma exposição individual, 110 quadros, sendo 84 destes, de naturezas mortas, gênero em que se especializara, por sugestão de Almeida Júnior.

Obteve medalha de ouro no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1894, com as obras "Mamao", "Cozinha e Casa da Roça" e "Morango".

Em 1939, recebeu medalha de honra. Anteriormente, em 1922, recebeu medalha de ouro na exposição comemorativa do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro.

Algumas de suas obras estão no Museu Nacional do Rio de Janeiro, e a Pinacoteca de São Paulo guarda muitas de suas composições e desenhos.

Pedro Alexandrino Borges faleceu no ano de 1942.

(Extraído de "99 Biografias de Brasileiros Notáveis", de autoria de Sebastião Acastio Luiz, Volume I, Edições "Edij", 1978)